

No Teatrinho Espiritual Lusitano

Permite-me que te faça quatro perguntas singelas:

1. Achas que a tua função espiritual não é suficientemente visível?
2. Achas que o que tens feito para melhorar a tua condição e a da população, não é reconhecido?
3. Achas que vives num país em cujo chão não cresce nada de jeito, por não ter sido adubado pelos deuses? Ou, tendo sido adubado por Eles, a população está-se nas tintas?
4. Tens inveja (só um niquinho, porque é uma coisa muito feia). de quem vive em países onde facilmente se reúnem milhares de pessoas num anfiteatro para debater o que tu debates, entre amigos, na sala estar?

No caso de responderes afirmativamente a todas elas, deixa-me usar uma metáfora puída:

Talvez a tua necessidade de reconhecimento (e até a tua vaidade, bem disfarçada porque é imperdoável um Trabalhador da Luz ser vaidoso), te segrede que o teu lugar é no proscénio do taciturno Teatrinho Espiritual Lusitano, sob luzes de todas as cores, vindas de frente, de cima e de ambos os lados, desfrutando de um fundo musical, especialmente composto para sublinhar tua atuação. Agora, imagina que os responsáveis pelas luzes de palco não acendem as ditas e os operadores de som não põem a música a tocar. Perante isto, como te sentirás tu, espetado na boca de cena, tendo pelas costas uma réplica do manto dos Mestres Ascencionados?

Nos espetáculos do Teatrinho Espiritual Lusitano, todos os intervenientes têm a sua função:

- 1) A das estrelas da companhia é armarem-se em vedetas.
- 2) A dos atores secundários é rosar de inveja.
- 3) A dos técnicos de apoio é andarem à procura de outro emprego.
- 4) A do público é bocejar de tédio.

Agora, a pergunta capital: Qual dos quatro grupos referidos consideras o mais importante?

Bom, se os atores (principais, secundários e figurantes) e os técnicos de apoio forem removidos do conjunto, não há espetáculo. Se for o público a não estar presente, pode haver mas será uma coisa ainda mais sensaborona do que é costume. ... Pela tua cara, estou a ver que não te agrada a metáfora de teatro! Nesse caso, vou recorrer à metáfora da gruta, que também já não se pode ouvir:

Nem sempre quem está fora da gruta, ao sol e à vista de todos, tem a função mais importante. Por vezes, a função de quem está dentro da gruta, iluminado pela luz invisível da Lua, é mais importante da dos que estão lá fora. Depende de muita coisa. Mas, se a tua função é solar ou lunar, não te diz respeito. Por conseguinte, não me perguntes se a tua missão é solar ou lunar. Não saberei responder-te. Mas posso dar-te uma sugestão:

Continua a fazer o que te parece que tens de fazer (ou o que Eles te sugeriram que fizesses), e não te questiones acerca da natureza ou da importância da tua missão. Só te faz é mal. Faz de

conta que, em vez de fazeres parte da companhia residente do modesto Teatrinho Espiritual Lusitano, foste contratado por Gar-Retyón, o ilustre director do Teatro Universityón¹, que funciona sempre como deve ser!

Depois de teres saído deste planeta, quando olhares de cima para baixo, perceberás quão importante foi o que fizeste. Afinal, para que precisas dessa percepção agora?

Fica em paz... e não te esqueças do teu papel!

Vitorino de Sousa

Julho de 2019 – Janeiro de 2021

¹ Já referido no meu livro **Operação Desatinos**.